

Entrevista

André Diniz

Desenhista e Roteirista

*Por André Luiz dos Santos Silva e
Nágila Oliveira dos Santos*

Revista África e Africanidades: *André, fale um pouco sobre a sua trajetória.*

André Diniz: Eu a dividiria em três fases até agora: a fase fanzineiro, que foi quando eu comecei a ter meus leitores. Imprimia edições simples em xerox ou formato jornal e distribuía gratuitamente tiragens entre 500 e 8000 exemplares bancadas por anúncios. Essa foi a minha escola. Tive a fase independente, onde viabilizava as minhas próprias edições. Foi nessa fase que fiquei mais conhecido e ganhei grande parte dos meus prêmios. E tem a fase atual, onde tenho minhas obras publicadas por diversas editoras.

Revista África e Africanidades: *Como e quando você se aproximou dos quadrinhos?*

André Diniz: Foi mesmo de nascença, nem sabia ler ainda e já fazia os meus quadrinhos. É até curioso, mas sempre tive claro na minha vida que eu queria fazer quadrinhos, sem que eu tivesse qualquer modelo perto de mim. Sequer tive um amigo ou colega de infância que fosse um grande fã de quadrinhos. Por toda a minha infância e pré adolescência, esse foi um mundo só meu. Aí, com os primeiros fanzines, passei a conhecer a minha turma e a aprender com a troca de ideias e com a reação e as críticas dos meus primeiros leitores.

Revista África e Africanidades: *Como surgiu a ideia da Editora Nona Arte, criada em 2000? Qual ou quais as experiências mais te marcaram deste projeto?*

André Diniz: O mercado cresceu e mudou para muito melhor nessa década passada. Em 2000, era muito raro editoras apostarem

em lançar álbuns de quadrinhos, principalmente nacionais, e o único caminho que vi para começar como autor foi eu mesmo publicando minhas próprias obras. Foi uma grande aventura, até porque perdi uns bons trocados com essa história - aliás, chamei por muito tempo o meu trabalho com os quadrinhos de "meu perde-pão". Se não deu dinheiro, porém, o retorno enquanto autor foi excepcional. Fui agraciado com 14 prêmios nesse período, e só a primeira publicação (Fawcett, que aliás acaba de ganhar uma nova edição pela editora Devir) foi agraciada com cinco prêmios.

Revista África e Africanidades: *Você já trabalhou com vários temas históricos, mas como e quando surgiram as ideias das obras Chico Rei e O Quilombo Orum Aiê? Eram desejos antigos ou foram incentivadas pelo novo mercado editorial?*

André Diniz: Mesmo na fase "perde-pão", eu já seguia um caminho muito presente ainda no meu trabalho atual: HQs sobre personagens históricos ou passadas em cenários históricos que tragam, antes de tudo, diversão, reflexão, emoção, sem qualquer resquício de obra didática. Não comecei por esse caminho pensando em mercado, até porque esse mercado ainda não existia. O que sempre me motivou foi contar boas histórias. O personagem Chico Rei era uma ideia antiga minha, cheguei até mesmo a fazer uma primeira versão da história em 2002, que acabou inédita. Para a edição de 2006, já com editora interessada, reescrevi e desenhei a HQ partindo do zero. Quanto ao "Quilombo Orum Aiê", peguei um cenário histórico que me fascina e criei um personagem que saiu lá de dentro de mim, quase que uma autobiografia totalmente metafórica (afinal, trata-se de um jovem escravo em 1835...). Claro que é ótimo a obra se encaixar no mercado, mas quem ler o livro vai ver que aquela era uma história que eu precisava contar, e não que criei para agradar a uma editora.



Página de *O Quilombo Orum Aiê*

mídia sem preconceitos e livrarias com áreas de destaque para exibir os lançamentos de HQs. E leitores, claro!

Revista África e Africanidades: O álbum *O Quilombo Orum Aiê* foi selecionado no último PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola e em 2011 todas as bibliotecas de escolas públicas do Brasil terão um exemplar desta obra. O que isto significa pra você? O que isto significa para o cenário dos quadrinhos nacionais?

André Diniz: Para mim, como autor e como pessoa, não poderia ter retorno maior. É ver aquele trabalho que me dediquei de coração para criar tornar-se acessível a uma infinidade de leitores, com chances de tocá-los e levá-los a se divertir e a refletir sobre uma série de questões que a HQ traz implícita e explicitamente. Nunca me senti tão recompensado assim. E para os quadrinhos como um todo, essa valorização pelo PNBE é fantástica também e não há como negar que muito do crescimento do mercado de quadrinhos no Brasil se deve a esse programa.

Revista África e Africanidades: As obras *7 Vidas* e *Ato 5*, publicadas em 2009 trouxeram o prêmio HQMix na categoria Roteirista Nacional, prêmio este considerado o Oscar dos Quadrinhos no Brasil. O que esta premiação significa pra você e como você vê o atual cenário dos quadrinhos nacionais?

André Diniz: Na verdade, eu já havia ganhado vários HQ Mix antes, e este é o meu terceiro como melhor roteirista. Mas também considero como o primeiro de certa forma, pois foi dez vezes mais gratificante ser agraciado com esse prêmio nesse atual momento do mercado de quadrinhos, onde há um número sem precedente de obras publicadas e muita, mas muita gente boa mesmo produzindo. Quanto ao mercado atual, sempre haverá muitos obstáculos a superar, mas o quadro de hoje era inimaginável há uns sete anos atrás. Artistas maduros, editoras determinadas a investir,

Revista África e Africanidades: Em *O Quilombo Orum Aiê* você aborda diferenças poucas vezes encontradas em obras pedagógicas que tem a escravidão como pano de fundo, como as diferenças entre escravizados recém-chegados, escravos urbanos ou rurais, de diferentes etnias, línguas e religiões. Como foi a pesquisa histórica e das referências visuais e culturais para a criação da obra *O Quilombo Orum Aiê*?

André Diniz: A pesquisa foi grande e me tomou até mais tempo do que escrever e desenhar a história toda (o que não é pouca coisa). Mas eu quis mostrar ao leitor que esse tema é muito mais rico e complexo do que é mostrado em filmes e novelas, onde tudo é simplificado de uma forma empobrecedora. É essa mesma simplificação que empobrece também a visão que se tem da África, vista como uma só nação e uma só cultura, e não como um continente rico em

povos, línguas e culturas diferentes. Outra motivação minha foi mostrar que é linda aquela visão do escravo passivo e submisso.

Revista África e Africanidades: O *Quilombo Orum Aiê* é uma obra fortemente influenciada pela estética da arte africana. Você acredita que a obra poderá influenciar a estética de novos desenhistas?

André Diniz: Sou apaixonado pela arte africana e por toda a estilização de formas e figuras que ela traz, e essa estética incorporou-se ao meu trabalho de vez. Mesmo algumas obras minhas que estão para ser lançadas cujos temas não têm nada a ver com africanidade trazem uma boa carga de arte africana casada com minha outra paixão, que é a estética do cordel. Se isso inspirar outros desenhistas, será uma grande satisfação para mim.

Revista África e Africanidades: Fale um pouco sobre a construção dos personagens das obras *O Quilombo Orum Aiê* e *Chico Rei*.

André Diniz: O *Quilombo Orum Aiê* traz personagens totalmente fictícios, dentro de um cenário histórico. O protagonista Vinícius é um jovem escravo cheio de idealismos, um filósofo legítimo apesar de nem saber que essa palavra existe. Após a Revolta dos Malês, a maior revolta escrava da nossa história, ele lidera um grupo em busca de um quilombo utópico onde seu pai estaria aguardando-o. O curioso é que, depois da história pronta, foi que eu vi o quanto havia de mim naquele personagem, e como a busca dele representava as minhas buscas de adolescente, os tombos e decepções, a perda do meu pai, as voltas por cima... Já *Chico Rei* é um personagem incrível, uma figura comparável a Ghandi, guardadas as devidas proporções. O líder que liberta um povo (mesmo que em menor escala) por meio da paz, sem pregar a vingança contra o opressor. Esse sim, na minha opinião, é o verdadeiro herói. Até por isso, tive a preocupação de torná-lo o mais humano possível, com conflitos internos e reações plausíveis a um ser humano.

Revista África e Africanidades: Na coletânea MSP +50 segundo volume da série que homenageia os 50 anos de carreira de Maurício de Sousa, você escolheu em sua HQ o personagem Jeremias. Como você vê o espaço para a representação e inserção do negro nos HQs brasileiros?

André Diniz: Ainda é pequeno, bastante modesto ainda. Mas tem que ser algo espontâneo, não dá para querer que o fato do personagem ser negro seja por si só o motivo dele existir ou ser lido. Se eu criar o "Fulaninho e sua turma" e lançá-lo como o personagem que é negro, isso por si só não interessa a ninguém e nem seria mesmo para interessar, pois não tem graça nenhuma. O personagem tem que ter vida, trazer identificação ao leitor e viver histórias fascinantes, seja uma viagem interplanetária, uma busca pela paixão de sua vida ou um rico relato de vida. O gratificante seria também ver personagens negros protagonizando essas sagas da forma mais espontânea possível.

Revista África e Africanidades: Atualmente, quais os principais desafios das HQs no Brasil?

André Diniz: Talvez firmar as conquistas desses últimos anos e diversificar as possibilidades e atingir novos públicos.

Revista África e Africanidades: Qual o próximo projeto que você pretende lançar em 2011?

André Diniz: 2011 será um ano cheio de lançamentos meus. Posso já adiantar aqui a adaptação para os quadrinhos do poema "A Cachoeira de Paulo Afonso", uma belíssima obra de Castro Alves (a sair pela Pallas Editora); "Mwindo - Uma Lenda Africana", com desenhos meus e roteiro de Jacqueline Martins; "Z de Zelito", que mostra os dramas de um jovem que vem tentar a vida no Rio de Janeiro em plena eclosão da Revolta da Vacina, em 1904; além da biografia ainda sem título de Maurício Hora, um grande fotógrafo nascido e criado no Morro da Providência, no Rio. Destaco também "O Negrinho do Pastoreio", onde adapto ao meu

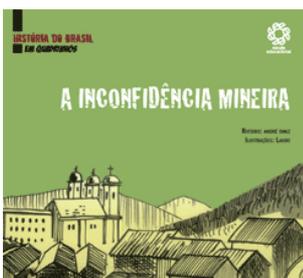
modo essa lenda bastante conhecida. Digo ao meu modo pois, na versão original, acho o personagem passivo e "coitadinho". Mexi com isso e dei ao protagonista um banho de ousadia, determinação e heroísmo.

Revista África e Africanidades: Outros comentários que achar interessante aos leitores.

André Diniz: Acho curioso que muitos, ao conhecerem O Quilombo Orum Aiê, Chico Rei e ouvirem falar dos meus futuros lançamentos, deduzem que eu sou negro por abordar diversas vezes temas ligados à africanidade e à história do negro no Brasil. É uma pena admitir que essa dedução imediata tem base, pois geralmente é ao próprio negro que cabe a missão de lembrar que o Brasil é um país negro também. Mas eu sou brasileiro, e isso por si só faz com que lendas africanas, escravidão, poemas de Castro Alves e cultura negra em geral sejam assuntos meus. Tampouco sou louro, e mesmo assim me sinto um pouco português também. Por que não me sentir negro, só porque a minha pele é branquela? (até demais para um carioca, convenhamos!...)

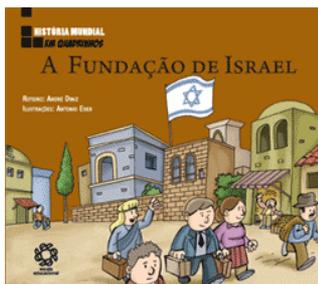
Conheça as obras de André Diniz:

Coleção História do Brasil em quadrinhos

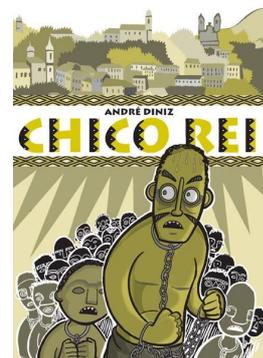


Coleção História Mundial em quadrinhos





Sobre História e Cultura Africana e Afro-Brasileira



Coleção Filosofia em quadrinhos



Mais obras de André Diniz:

